



## **A crueldade e o feminino em *O Esplendor de Portugal***

The cruelty and the feminine in *O Esplendor de Portugal*

Carolina Barbosa Lima e Santos<sup>1</sup>

[...] eu de mãozita pronta ao bofetão porque não há como um estalo para seduzir uma mulher, um soco em condições e ei-las a tremerem de paixão. (ANTUNES, 1998, p.61)  
Da crueldade feminina, o que conhecem os homens? (GALTIER, 2004, p.175)

**Resumo:** proponho neste artigo uma leitura sobre o romance “O Esplendor de Portugal”, de António Lobo Antunes. O objetivo deste trabalho é o de demonstrar, por meio de uma análise do testemunho de suas personagens protagonistas – ancorada às reflexões de autores como Resende e Gautier –, a maneira pela qual a violência de gênero se expressa nesta narrativa de cunho memorialista, que tem como cenário a guerra pela descolonização de Angola.

**Palavras-chaves:** Literatura Memorialista; Violência de Gênero; Descolonização de Angola.

**Abstract:** I propose in this article a reading of the novel “O Esplendor de Portugal”, from Antônio Lobo Antunes. The objective of this work is showing, through a testimony of his main characters – using the reflections from authors like Resende and Gautier - , the way whereby gendered violence is expressed in this memorialist narrative, which scene is the Angola’s Decolonization.

**Keywords:** Memorialist Literature; Gendered Violence; Angola’s Decolonization.

Apresento ao leitor uma personagem feminina de *O Esplendor de Portugal* que, muito distante do estereótipo criado há séculos sobre a mulher como figura frágil e submissa, encena o papel de autoridade e de dominação em meio ao seu contexto familiar e socioeconômico de Angola. Trata-se da representação de uma senhora colonial autoritária que usufrui de seu poder econômico para controlar, com autoritarismo, e algumas vezes com violência, seu marido, seus empregados e seus filhos. Ela é Isilda.

Vale chamar atenção para o fato de que, ao longo da leitura de *O Esplendor de Portugal*, a violência e o horror, elementos que compõem o cenário do romance, são intensificados nas vozes de Isilda e de sua filha Clarisse, que narram cenas de agressão, de

---

<sup>1</sup> Mestra em Estudos de Linguagens pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Linguagens, UFMS.

destruição, de morte e de doenças, em situações que mostram o quadro de decadência do poder de Portugal sobre Angola. Em meio a todo o caos discursivo, podemos sentir com mais intensidade o efeito da angústia e do mal estar quando testemunhados por aquelas personagens femininas que, por vezes, nos narram aquilo que viram ao seu redor e, por outras, narram-nos violências praticadas por elas mesmas. O testemunho de Isilda é intenso e capaz de violentar seus leitores ao nos descrever cenas da guerra pela libertação de Angola:

[...] cabeças, grinaldas de intestinos, bastões de couro, de verga, de borracha mergulhados no intervalo das nádegas, nucas esmagadas por pedras órbitas extraídas com uma colher, um garfo, uma pontinha de faca, os cipaíes avançando a soprar como os cachorros do mato, a mulher nua sem mão sem língua sem peito sem cabelo sangue (ANTUNES, 1998, p.201).

A voz testemunhal mais presente em *O Esplendor de Portugal* é a de Isilda. Ela é a única das quatro personagens do romance que está presente nas três partes que o compõem. No entanto, são várias as faces assumidas por ela ao longo da narrativa: a de mulher sedutora, a de esposa infiel, a de mãe cuidadosa, a de mãe indiferente, a de amante, a de esposa traída, a de patroa cruel e a de fugitiva de guerra.

Dona e administradora da fazenda da família, Isilda, esposa de Amadeu, amante do chefe de polícia e mãe de Carlos, Rui e Clarisse, é uma mulher que “[...] desafia uma tradição de silenciamento e submissão femininas” (RESENDE, 2006, p. 93). Ela é quem, por circunstâncias e problemas surgidos no decorrer da vida, administra a família e os negócios sem o apoio do marido que, ao contrário de ser o “[...] que tradicionalmente seria considerado o provedor da família, não tem mais autoridade. E, não sendo mais o ‘senhor da casa’” (RESENDE, 2006 p.94), Amadeu é o alcoólatra que acompanha de longe o desenvolvimento da fazenda e das vidas de seus filhos e de sua esposa:

[...] e não contasse com isto o meu marido, livre do reposteiro e sem argolas a tilintarem á roda, para desgosto dos bailundos que o achavam mais bonito assim, passou a orientar a fazenda não no campo, mas da

varanda do primeiro andar, de copo de uísque na mão e mas um litro oculto em cada armário, sem olhar o arroz, o milho, o girassol, sem me olhar a mim e aos filhos, cirandando em pijama com o botões desajeitados a fugir das aranhas [...] (ANTUNES, 1998, p. 55).

Ainda no começo da narrativa, pode-se notar que Isilda, ao transcender seu “local da cultura”, representa, em *O esplendor de Portugal*, “[...] um modelo feminino negativo, no qual a mulher ao assumir tarefas tradicionalmente masculinas e alcançar o sucesso, perde a feminilidade” (RESENDE, 2006, p.95). Entretanto, a personagem expõe, em seu testemunho, que a mudança de papéis em seu contexto familiar é encarada como um símbolo de dureza e de sofrimento, suscitando-lhe uma série de conflitos e de angústias, em face de sua criação e sua educação, recebidas de sua mãe durante toda a vida para ser uma mulher como todas as outras e de serem substituídas pela condição de ter de assumir o papel masculino na família e na administração de negócios.

[...] e era eu, uma mulher educada para ser dona de casa e ter um homem que se ocupasse dos negócios e de mim quem tinha de falar com os intermediários, discutir com os fornecedores, convencer o Estado a ajudar-nos, argumentar com os brancos a fim de prorrogar as dívidas, era eu, uma mulher que merecia uma vida como as mulheres dos vizinhos, jogar às cartas, montar a cavalo, tomar refrescos no clube, quem levava o Rui ao médico e vinha de lá sabe Deus como, proibia a Clarisse de namorar o liceu inteiro e entrar na fazenda depois da meia-noite, ralhava com o Carlos por não conversar com o meu marido nem comigo [...] (ANTUNES, 1998, p.56).

Apesar de ter tomado para si as responsabilidades de chefe da casa, Isilda não deixou de cumprir, ao longo de sua existência, aquilo que, conforme aprendera com a mãe e com a sociedade portuguesa branca e cristã, caberia a ela em seu papel de filha, esposa e mãe: perdoar as infidelidades do pai, cuidar de seus filhos, perdoar e aceitar seu marido em casa – mesmo depois de tomar conhecimento do adultério que ele cometera – e, ainda, adotar como

se fosse seu o filho bastardo do esposo. Isilda não se exime de pensar sobre sua natureza, sua educação e sua cultura feminina em meio ao contexto socioeconômico e familiar:

Porque sou mulher e me educaram para ser mulher, isto é para entender fingindo que não entendia [...] a fraqueza dos homens e o avesso do mundo, as costuras dos sentimentos, os desgostos cerzidos, as bainhas da alma me educaram para desculpar as mentiras e o desassossego deles, não aceitar, não ser cega, desculpar conforme desculpei ao meu pai as suas infidelidades ruidosas e ao meu marido a sua indecisão patética, me ensinaram a inteligência de ser frívola com os meus filhos até a viuvez me ensinar a tomar conta deles e da fazenda na mesma impiedade com que tomava conta das criadas, a embarcá-los [...] (ANTUNES, 1998, p.102).

Porém, “[...] na medida em que precisa assumir o papel social masculino dentro da família” (RESENDE, 2006, p. 94), Isilda mantém uma postura opressora, exploradora e autoritária para governar os filhos e os empregados. Dentre todos, filhos e escravos, Carlos, por ser filho bastardo de seu marido com uma escrava negra, é aquele contra quem ela mais emprega sua força autoritária e seu sentimento de desprezo.

Apesar da adoção do “mestiço” como um filho, Carlos jamais será tratado pela família enquanto tal, nem pela mãe, nem pela avó, sequer pela irmã. Em seus testemunhos, Isilda e o restante da família mantêm com Carlos uma relação ancorada numa espécie de “*tortura psicológica*”, uma forma de “*negligência afetiva*” (RUIZ; MATTIOLI, 2004, p.129), expressa pela demonstração explícita de desinteresse pelo filho adotivo desde a sua infância, tal como notamos nas falas da própria Isilda: “[...] os meus filhos ou seja a Clarisse e o Rui acompanhados por aquele [Carlos] que não era meu filho mas eu fingia que era” (ANTUNES, 1998, p. 128).

Ao longo do romance, podemos perceber que Carlos foi submetido durante toda a sua criação a diversas categorias de violência psicológica pela figura materna e por toda a família, tais como algumas identificadas por Hart e Brassart, citados por Ruiz e Mattioli:

- tratamento desdenhoso ou com desprezo: tipo de castigo ou correção verbal que é uma combinação de rejeição e degradação hostil, incluindo atos como a imposição de culpa (bode expiatório), insultos, humilhação pública, de repelir ou recusar a ajudar a criança.

[...]

3) Isolamento: separação da criança dos colegas, trancando-as sozinhas em armários ou quartos, ou impedindo que ela desenvolva vínculos com outras pessoas.

[...]

5) negar reciprocidade emocional: ignorar a tentativa da criança de interagir, permanecendo separado e/ou destacado e sem envolvimento, e respondendo sem demonstrar afeição. (2004, p. 130).

Em seu testemunho, Rui apresenta uma das (várias) cenas na qual sua mãe, sua avó e seu pai praticam algumas dessas categorias de violência psicológica, descritas por Hart e Brassart – como a negação de reciprocidade afetiva e o tratamento desdenhoso – ao se dirigirem a Carlos, o filho bastardo da família:

[...] o Carlos desceu a escadas entortando os tapetes, aproximou-se da minha mãe que me penteava com os dedos e nem sequer os olhou, aproximou-se da minha avó que se afastou num trejeito, procurou o meu pai entretido a sacudir as cinzas das calças que não conversava [...] o Carlos voltou a trepar os degraus [...] o Carlos debruçou-se do corrimão batendo as mangas como um rato silvestre no poleiro - hei de vê-los a todos no cemitério com o avô (ANTUNES, 1998, p. 167).

Numa outra cena de *O esplendor de Portugal*, testemunhada por Clarisse, observamos Isilda condenando Carlos, quando criança, ao isolamento, trancando-o na cozinha separado dos irmãos, na intenção de impedi-lo de ver e ser visto pelas pessoas que a visitavam na fazenda, considerando o fato de ele ser uma criança mestiça e poder suscitar, por isso, constrangimentos às visitas e à família:

[...] a minha mãe, elegante e mais nova, mais alegre, levava-nos a mim e ao Rui à sala com os dois lustres acesos, que era a nossa e ao mesmo tempo não era, onde estavam uma dúzia de senhoras tão exuberantes quanto ela e uma dúzia de cavalheiros a fumar, tudo pessoas que durante o dia se assemelhavam a estas pobre e feio e com dores de cabeça, o Carlos ficava na cozinha com a Maria da Boa Morte e a Josélia, as senhoras como se nunca nos tivessem visto [...] (ANTUNES, 1998, p.309)

Em *O Esplendor de Portugal*, percebemos que a violência sofrida por Carlos e praticada pela própria família deixa de ser psicológica e implícita, intensificando-se ao grau de violência verbal e, em alguns momentos, à violência física. No testemunho de Clarisse, apresenta-se uma situação na qual Isilda, depois de agredir verbalmente o filho adotivo, demonstrando o verdadeiro sentimento que mantinha por ele, insiste em tratá-lo de maneira especial, na tentativa de lhe esconder o ódio e o desprezo nutridos:

[...] o Carlos a jogar as portas ao fundo, a minha mãe a suspender a vergasta

- Carlos

a puxar-lhe o braço, a erguer a vergasta para ele sem esperar que subisse a fralda nas costas, que os riscos mais escuros, qe o som

- Estas a defender os teus amigos escarumba

a única ocasião em que lhe chamou escarumba, a única ocasião em que entendi que o odiava, tratava-o melhor que nós por que o odiava mais, tal como a minha avó o odiava

- Devia pôr-te a trabalhar no algodão, devia entregar-te ao capataz para meter-te na ordem [...].

A rondar o Carlos na manhã seguinte, a passar-lhe as camisas a ferro, a insistir que bebesse mais leite, a servi-lo antes de nós, a deixar-lhe chocolates no travesseiro, a designá-lo intermediário de Luanda

[...] a detestá-lo, a escondê-lo, a persegui-lo numa mistura de raiva e remorso [...] (ANTUNES, 1998, p. 365-366).

Conforme afirmam Ruiz e Mattioli, a condição de desamparo à qual foi submetido durante a infância pela família e pela sociedade branca de Angola pode explicar (mas não justificar) as atitudes violentas e ignóbeis tomadas por Carlos, quando adulto, para com a sua mãe e com seus irmãos, pois

Esta condição de desamparo é intensificada quando o social não consegue oferecer das diferenças, instaurando uma busca solitária pelo prazer, sendo que o meu prazer tem que se sobrepor a seu. O outro se torna o objeto onde usufruirei de meu prazer. É nessa desenfreada procura que a violência [...] corporifica-se. (2004, p.119).

Numa linha de raciocínio semelhante e complementar, Sophie de Mijolla-Mellor, no Preâmbulo do livro *Crueldade no feminino*, afirma que o modelo original da relação de dependência entre o sujeito que se torna vítima e o sujeito que usa sua força para com o outro se encontra na relação entre a mãe indiferente e o filho pequeno, dependente. Para Mijolla-Mellor,

[...] a indiferença materna pode bem aparecer como a figura emblemática da crueldade sem sadismo que seria apenas a ausência da extensão de seu narcisismo ao *infans*, necessária à sobrevivência deste último. (2005, p.20)

Nessa perspectiva, podemos notar que, por jamais ter contado com uma figura materna que lhe desse “sustentação para as angústias vividas” durante a infância, Carlos acaba por reverter essa situação, quando adulto, adotando uma postura autoritária e intolerante com os irmãos que, longe da mãe e de seu país de origem, são expulsos do apartamento que lhes fora legado em nome do filho adotivo, como uma “demonstração e prova de amor”, por Isilda. Carlos agride sua irmã ao se lembrar do descaso de seus pais

para consigo logo depois de ter sido tratado com desprezo por Clarisse no apartamento que dividiam em Lisboa:

[...] o fato dos meus pais, por não gostarem de mim  
(e estava ali prova provada que não gostavam de mim)  
me obrigarem a morar num cubículo de viúva do Montepio quando  
podiam ter comprado um lugar em condições, um apartamento decente,  
fez-me agarrar com mais força a Clarisse  
- Perguntei-te onde estiveste até agora desgraçada  
quando era a mim e não à minha irmã que eu achava desgraçado.  
(ANTUNES, 1998, p. 71).

Assim, na relação entre Carlos e Isilda, narram-se os impulsos filicida e matricida, pois, ainda que sempre discretamente (GALTIER, 2004, p.179), temos uma personagem que, se não mata seu filho adotivo fisicamente, pratica por meio de uma espécie de “hipnose de terror” (GALTIER, 2004, p.182) uma crueldade mental com ele ao renegá-lo, odiá-lo, desprezá-lo e puni-lo pelo simples fato de ele existir, ferindo de todo a sua integridade moral desde a sua infância. E, tendo rejeitado, condenado ao isolamento e a uma série de outras humilhações ao longo de sua existência, o efeito de mal estar provocado por Isilda sobre o filho vai muito além da angústia, chegando ao ódio e ao desejo de vingança.

Diferentemente de Carlos, ignorado e rejeitado pela mãe, Rui, o filho epilético, recebe todo o carinho, a atenção e a proteção de Isilda. Ao longo do romance, é notável que nenhuma de suas atitudes agressivas e repugnantes, tais como atirar (por diversão e por perversão) em seus escravos e em seus animais, é repreendida pela mãe. Ao contrário: Isilda sempre o defendia, argumentando que o filho era uma criança doente e que, por isso, não podia responder pelos seus atos de crueldade:

[...] sobretudo a partir da altura em que o Rui adoeceu dos ataques e o médico garantiu que era mal de família, o Rui que ao menos agora estava na Europa com hospitais como deve ser e a ajuda do Carlos tem condições de tratar-se, mandei um cheque na última carta para se for necessário o levarem à Alemanha ou a Londres onde fazem operações



ao cérebro e o curam, o mais inteligente dos meus filhos, o mais sensível, o mais divertido, sempre a fazer partidas engraçadas às pessoas com a espingarda de chumbinhos, um grãozito nas nádegas, um grãozito nas coxas que se tirava num instante com uma pinça, o meu marido em lugar de rir-se e entender o humor puxava a garrafa do armário sem dizer nada como não dizia nada aos ingratos que fugirem e os cipaios ou o chefe de posto lhe apresentavam algemados para os castigar. (ANTUNES, 1998, p.55).

Nas palavras de Sophie Mijola-Mellor, em seu *Preâmbulo* da obra *Crueldade no Feminino*, essa relação de alegria e de carinho, esse fingir deixar-se enganar pela inocência do filho perverso e criminoso, essa atitude indiferente e/ou complacente para com a bestialidade assassina de Rui e seu sadismo diante da dor de suas vítimas podem ser pensadas como uma outra maneira de Isilda expressar seu prazer pela crueldade, uma vez que:

O caráter imediato do princípio do prazer está no fundamento da crueldade que sempre se confunde com a insensibilidade, até mesmo a desumanidade, não na busca do sofrimento do outro, na ignorância a seu respeito. Tal posição se afigura rapidamente insustentável, pois suporia um sujeito sem fantasia, sem percepção do outro. Por isso, o destino da crueldade originária é ser alcançada pelo sadismo que introduz o desejo e, portanto, humano. (2005, p. 19).

Enquanto patroa dos escravos da fazenda, Isilda apresenta-se como uma mulher dominadora, opressora e severa, concebendo os negros angolanos como seres de uma “espécie diferente”, “espécie” digna de desprezo, disciplina e desconfiança. Concentrando em si o pensamento alegórico da burguesia branca angolana, Isilda enxerga suas diferenças culturais (entre os brancos e os negros) sob uma perspectiva hierarquizante, o que fica evidente quando a personagem se refere, em seu testemunho, aos negros como seres marginais, quase animais. Isilda discorre, de maneira breve, sobre a mãe biológica (uma jovem angolana negra) de seu filho Carlos:

Tal qual se imagina uma empregada de refeitório, avental e tamanco e touca, uma preta de dezoito anos no máximo, talvez vinte porque nos enganamos no temperamento, no caráter, na honestidade, na obediência e no afeto se é que se pode chamar afeto ao que ao que sentem, não se ligam a nós, não são fiéis, não são reconhecidos, odeiam-nos, o meu pai coitado sempre me preveniu. (ANTUNES, 1998, p.85).

E, por não contar com o apoio do marido para controlá-los, deitava-se com o chefe de polícia de Luanda para obter dele o favor de castigá-los. Essa capacidade de Isilda de se prostituir e se apresentar como uma mulher sedutora é “herdada” por sua filha Clarisse, apesar de tentar, em vão, cumprir o papel de pai, proibindo-a de namorar, que desde cedo começara a ter inúmeros amantes e, quando adulta, passara a ser sustentada por homens casados que lhe enviavam cheques e presentes em Lisboa.

Isilda esclarece que, enquanto assumia o papel de senhora de negócios bem-sucedida em suas terras, não sentia qualquer piedade, pudor ou remorso em manter com os seus empregados angolanos “[...] uma relação de exploração e trabalho semi-escravo, que envolve até mesmo a violência física” (RESENDE, 2006, p.94). Carlos expõe a condição dos negros na fazenda, a diversão sádica de Rui com seus escravos e o desprezo de Isilda pela dor daqueles seres humanos:

[...] e como o chefe de polícia não fazia tenções de apanhar arros desde as seis da manhã por quinze escudos ao dia, com a obrigação de gastar na cantina e dever ao fim do mês, dado que o peixe anda caro, o triplo d que a aldeia pagava, os cipaiois substituíram o projeto o excelente de uma criaturinha estrebuchar num ramo por uma ainda melhor distribuição geral de bastonadas ao povo que estranhamente não se regozijou com a iniciativa e desatou a fugir, o ingrato, para as balsas do rio, de palas no lombo ou nas nádegas consoante os caprichos do cacete, seguidos do meu irmão e dos chumbinhos da

espingarda de ar comprimido com que desde a Páscoa aterrorizava a Pecagranja, a minha mãe preocupada  
Chamem o Rui coitado não vá ele cair e magoar-se por causa daqueles parvos. (ANTUNES, 1998, p.16).

Isilda representa a figura feminina que, por circunstâncias várias da vida, acaba por transcender o seu lugar na cultura, assumindo um papel independente e autônomo nos negócios e na família. Porém, ao ser submetida ao “papel masculino”, passa a agir dominadora e autoritariamente dentro e fora de casa. Na matriarca de *O Esplendor de Portugal* percebemos que

[...] não há uma forma única de inserção na sociedade global, mas sim formas locais diferentemente mediadas. As múltiplas posições, negociações, sobredeterminações e interações, bem como os variáveis níveis de dominação e submissão, de adaptação ou de resistência observados nos textos demonstram a complexidade e a fragmentação das identidades africanas contemporâneas. (RESENDE, 2006, p. 97).

Na medida em que o romance apresenta esse tipo de reflexão, assume a função política de levar seus leitores a questionar e a desconstruir conceitos maniqueístas perpetuados ao longo da história da humanidade. Nos exemplos aqui transcritos, nota-se a criação discursiva de identidades, os lugares dos sujeitos em meio à sociedade contemporânea e a desconstrução de um ideal familiar que é posto em xeque e em choque por Lobo Antunes. No romance, o autor põe em cena, num cenário de desastre social, “[...] uma situação recorrente da condição humana em situações adversas de sobrevivência, de abandono e de ruptura de laços” (RESENDE, 2006, p.98). Suas personagens não alcançam qualquer ascensão social da mesma maneira que suas situações não são alteradas de maneira milagrosa ao final. Ao contrário: o futuro delas parece ainda mais incerto do que o presente, marcado por um contexto de violência, morte, miséria, doença e solidão.

## **Bibliografia**

ANTUNES, António Lobo. **O Esplendor de Portugal**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GALTIER, Brigitte. Atentados maternos: a outra guerra em *O sangue negro* de Louis Guiloux. In: MIJOLLA-MELLOR, Sophie de (Org.). **Crueldade no Feminino**. Tradução Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

MIJOLLA-MELLOR, Sophie de. Preâmbulo. In: \_\_\_\_\_. **Crueldade no Feminino**. Tradução Procopio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2005.

RESENDE, Vander Vieira de. Representações de Gênero e Diferença em Contos Africanos Contemporâneos. In: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres- SPM; Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT; Ministério da Educação - MEC; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPQ; Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher. (Org.). 1 Prêmio Construindo a Igualdade de Gênero- Redações e trabalhos científicos Monográficos premiados. 1 ed. Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres- Presidência da República- Brasil, 2006, v. 1, p. 89-99.

RUIZ, Josiane Machado; MATTIOLI, Olga Ceciliato. Violência psicológica e Violência doméstica. In: ARAÚJO, Maria de Fátima; MATTIOLI, Olga Ceciliato (Orgs.). **Gênero e Violência**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.